

**O OLHAR DESCONFIADO: REFLEXÕES
SOBRE A RELAÇÃO
PESQUISADOR/PESQUISADO**

Gilberto de Sousa Lucena



Ao tentarmos esboçar um quadro de nossa experiência em pesquisa de campo, nos deparamos com vários problemas decorrentes do contato com um tipo de cultura que se apresenta distinta e complexa. Tais atributos se justificam pelas dificuldades encontradas ao se tentar “propor uma conceituação precisa e definitiva do que seja a cultura popular”ⁱ. O estudo da cultura popular encerra uma série de problemas que se devem às suas especificidades de concepção do mundo, apoiadas na tradição que permanentemente se reelabora, “mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura ‘erudita’, porém, mantendo sua identidade”ⁱⁱ.

É possível nos depararmos com situações delicadas envolvendo, por exemplo, disputas. Em Cabedelo, cidade portuária, distante poucos quilômetros de João Pessoa, a equipe de pesquisadores verificou, em 1992, uma situação desta natureza: há naquele lugar uma rivalidade entre dois grupos de coquistas: o do bairro Monte Castelo, organizado hoje pelos filhos de um antigo dançador de coco, com 76 anos, chamado José Benedito da Silva, Seu Benedito, e o do bairro Camalaú. Segundo três participantes do coco de Monte Castelo, o coco de Camalaú não tem um grupo organizado como o deles:

Mas a gente... o coco mesmo só aqui no Monte Castelo: Seu Benedito. [...] Os outros também brincava por aqui também. Mas tem lá em Camalaú. Eu acho que menos tem... agora lá misturaram com o xangô.

Ninguém sabe se é coco ou xangô ao mesmo tempo...

Em visitas posteriores a Camalaú, em Cabedelo, constatou-se que alguns dos principais participantes do coco deste bairro frequentavam cultos afro-brasileiros.

Com este conflito latente que, de certo modo, opõe os grupos, os pesquisadores logo aprenderam que as informações buscadas podem, por exemplo, não ser fornecidas caso o pesquisador concorde ou não com pontos de vista de determinado informante. Tendo também que entrevistar algum dos “rivais” daquele indivíduo inicialmente abordado, podem advir, desse tipo de situação, prejuízos irrecuperáveis para a pesquisa.

No que se refere à adoção de métodos de pesquisa eficazes no estudo da cultura desses grupos, é necessário considerar a subjetividade de cada um de seus agentes, tentando tornar o mais eficaz possível tanto a aplicação da entrevista, quanto a prática da observação participante.

A esse respeito, acompanhemos as observações de Paul Thompson:

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom pesquisador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz

os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade.ⁱⁱⁱ

No caso da entrevista, há os riscos da fragmentação da fala ou da argumentação do entrevistado: percalços de não se ter (principalmente no início de uma experiência em campo) uma habilidade mínima exigida para esta atividade, podendo-se incorrer em erros graves, devido à tensão e apreensão normais do primeiro momento. Como exemplo, poderíamos citar a indisposição da parte do pesquisador em manter-se calado, escutando, procurando não interferir nas falas e raciocínios de seus informantes. O ideal seria fazer uma “entrevista piloto”, compreendendo, conforme P. Thompson, “um grande levantamento, uma coleta de informações genéricas no início de um projeto” a fim de se obter conhecimento prévio acerca do assunto da pesquisa empreendida, com vistas à estruturação de uma entrevista definitiva, o que propiciará a identificação de problemas relevantes e de hipóteses que precisam ser comprovadas no decorrer ou no final do trabalho.

No que se refere à participação como observador, concordaremos com o que diz Aaron Cicourel:

Provavelmente usa-se com mais frequência esse papel (o de “participante-como-observador”) nos estudos de comunidade, nos quais o observador constrói relações com os informantes lentamente e onde pode usar mais tempo e energia na participação do que usa na observação.^{iv}

Deste modo, torna-se possível uma observação pouco formal e menos inibidora em relação aos grupos estudados.

Como exemplo colhido de nossa própria experiência de campo, temos os momentos de festas em que se brinca o coco (basicamente, São João, São Pedro e Sant’Ana), quando alguns pesquisadores são convidados a participar das rodas, podendo surgir daí uma integração maior com os coquistas, o que poderá gerar a obtenção de informações preciosas sobre o contexto da dança, muitas vezes só fornecidas no calor da hora.

Houve um momento, em um coco de roda no bairro da Torrelândia, João Pessoa, em que fui convidado a dançar. Como não levava tanto jeito para a coisa, alguém gritou: “Olhe o pé-de-coco”. Daí fiquei sabendo que, naquele local, esta expressão funciona como uma espécie de advertência para quem não segue dançando num passo considerado firme e regular pelos bons dançadores.

De acordo com o que diz Paul Thompson, há “casos extremos” e “úteis” que servem para justificar a “necessidade de flexibilidade do método”, na medida em que abrem a possibilidade de se “obter material de valor em circunstâncias extremamente adversas”^v.

A lembrança que me vem, tentando ilustrar esse ponto de vista, é a de um fim de tarde (princípio de noite, já escuro), dia 20 de junho de 1992, em Várzea Nova (distrito de Santa Rita, PB). Após várias

horas ininterruptas tocando cocos e cirandas, que foram gravados por integrantes de nossa equipe, os coquistas resolveram chegar ao final da brincadeira. Quase todos seguiram para outro local (interior da residência de Dona Nina — Avelina Ana da Conceição; que promovera aquela sessão de canto e dança). Ficando outro integrante da pesquisa, Werber Pereira Moreno, e eu fora, no meio da rua, tentando puxar conversa com Severino Rangel da Silva (um dos principais “tiradores” de coco e de ciranda daquele dia).

Mesmo quase às escuras e com cadernetas de campo à mão, anotando precariamente, conseguimos saber dele o tipo de material e os processos utilizados na feitura dos instrumentos (bumbo e ganzá) que acompanham o coco e a ciranda.

Este fato vem confirmar a necessidade de o entrevistador dever saber “escolher uma ocasião para sair mais cuidadosamente”^{vi}. Muitas vezes a impaciência o afasta das informações que nunca chegam de forma previsível.

Como já se frisou anteriormente, tanto a entrevista como a observação participante podem apresentar, de modo particularizado, dificuldades prejudiciais aos resultados de pesquisa. Somos favoráveis ao ponto de vista segundo o qual ambos os procedimentos podem se complementar harmoniosamente, devendo disso resultar maiores progressos na investigação.

A entrevista (produto de determinada interação entre entrevistador e entrevistado),

frequentemente exige “condições materiais e simbólicas” para sua realização, se apresentando como uma “produção conjunta”^{vii}, na qual a intensidade da relação, a confiança existente entre as duas partes, o tempo que se dê à sua elaboração e as expectativas que um tenha do outro constituem fatores importantes.

Nesse sentido, atente-se para alguns trechos de uma entrevista por mim realizada em Guarabira, Paraíba, no dia 2 de fevereiro de 1993, com José Cosme Ferreira (Zezinho da Borborema, embolador de coco, natural de Timbaúba, Pernambuco):

G^{viii} — Pois é... eu acho que já perguntei tudo, né? Já lhe tomei a paciência demais.

Z — Não. Tá bom...

G — Já abusei da sua paciência.

Z — Não... não... Pra mim é um prazer. Olhe... O senhor pra mim... é uma pessoa que provavelmente tá trabalhando pela minha profissão. Eu num sei nem o tanto de lhe agradecer. O senhor sair no mundo, assim com esse interesse tanto de fazer esse apanhado dessa cultura. Essa cultura que é o coco de embolada, é... o repentista, quer dizer o violeiro... e esse “coco de pisada” [*Se referindo ao coco de roda*]. Nós que fizemos... que faz essa parte... a gente que faz essa parte, eh... num acha nem o tanto como pode lhe agradecer. O senhor sair e vim entrevistar a gente... como coquista de embolada e dar uma força. Se todos fizesse como o senhor, era melhor essa cultura da gente. É muito grande. É porque quando tem uma pessoa assim que se interessa... mas às vez num há muito interesse de

outras pessoas. É... por que Caju e Castanha hoje tá na televisão? Foi interesse dum homem assim como o senhor. Um homem que interessou-se assim e saiu pegando ele e entrevistando... saiu levando e botando nos jornais, e ele foi s'embora. Porque de qualquer maneira a gente só assobe com a ajuda de quem tem condições de... da cultura. O povo da cultura... É. Vocês pra gente é tudo aqui. Porque é quem tá dando a força da gente... a força da cultura. Sem o que... você veja: essa fita o senhor vai levar [Se refere a uma fita cassete com coco de embolada por ele gravada, tendo sido por mim comprada], roda por lá... quer dizer, já tá mostrando a cultura. Ali no meio pode tá só uma pessoa e diz: "Rapaz, vamo' chamar esse menino pra fazer uma festa aqui". Aí pronto. [Zezinho vive da embolada] Quer dizer que tudo... se dessa festa eu gravar um LP, eu posso dizer: "Aquele LP foi gravado através d'um menino que chegou lá em casa e fez uma entrevista... N'outra entrevista que eu for dar lá fora... Num é isso aí?"

Na fala do embolador não é difícil perceber determinada *expectativa*, que, de certa forma, pode expressar simpatia e confiança depositadas na pessoa do entrevistador, além de querer estimular uma cumplicidade do entrevistador, visando à ampliação de sua popularidade como artista. É notória a convicção do artista no papel que o pesquisador pode desempenhar na divulgação do seu trabalho, havendo determinado grau de empatia a propiciar melhores condições, a quem pesquisa, de apreensão de elementos que constituem a personalidade do informante.



Podemos até mesmo falar em interação, situação em que entrevistador e entrevistado encontram-se num mesmo plano de “cooperação, confiança e respeito mútuos”^{ix} — responsável pela atuação de cada um no processo desencadeador da extroversão ao longo da conversa, o que reforça a ideia de que a entrevista inscreve-se nos domínios de uma “produção conjunta” onde se encontram em jogo o grau de interação entre as partes.

Temos, neste caso, a adoção de uma forma de entrevista “completamente livre em seu fluir”, cujo objetivo principal “não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro ‘subjetivo’ de como um homem [...] enxerga a própria vida”^x. Dessa forma, “o modo como fala”, seu ordenamento no discurso, “o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista”^{xi}, tendo o entrevistador maiores condições de melhor conhecer o informante.

Em outro trecho de sua fala, Zezinho da Borborema ressalta, indireta e inconscientemente, o problema da marginalização da cultura popular em relação às “culturas ditas eruditas e civilizadas”:

G — Mas a gente tá nessa luta, que é difícil... de registrar, né?

Z — É... é difícil. Mas se Deus quiser, com muito dos esforço... e quem trabalha com paciência e chega lá com força. Porque a fé e a paciência é que faz chegar lá. E “quem sofre com paciência num sente o peso da cruz”. É como aquele “mote” do menino,

né?... “Quem sofre com paciência num sente o peso da cruz”.

G — Isso é um “mote” do coco?

Z — É... isso é um “mote” do coco. Então... a gente vai por aí afora e, se Deus quiser...

G — O... eh... é uma coisa de muito valor, realmente. É coisa de... de arte mesmo, né?

Z — De arte mesmo.

G — Bom... eu queria agradecer ao senhor e... pedir desculpas.

Z — Não. Pra mim foi uma beleza.

G — Pela... por ter abusado tanto da sua paciência, da sua tranquilidade aqui...

Z — Não... não. Pra mim é uma beleza.

G — Do seu descanso de feriado, né? [*Era dia da santa padroeira da cidade de Guarabira, Nossa Senhora da Luz — dia 2 de fevereiro, sendo feriado no lugar*].

Z — Eu... do meu lado é que lhe agradeço. O senhor vim reconhecer meu valor, reconhecer meu trabalho e fazer essa entrevista comigo. Pra mim é um prazer, o senhor ter esse tempo todinho gastando o seu equipamento de som, gastando a fita... fazendo essa coisa toda, né? Em cima de mim. Pra mim é um prazer.

Atentando-se para alguns aspectos da fala do entrevistado, nos é possível estabelecer alguns

argumentos acerca do processo de “confronto entre sistemas culturais” que, de certa forma, é responsável por modificações no âmbito da vida sociocultural, ensejando situações — como a do embolador em destaque — em que o homem popular se vê, do ponto de vista da cultura, em condição de inferioridade em relação a outros sistemas culturais considerados mais “avançados”.

Segundo Oswaldo Elias Xidieh,

[...] os traços e os elementos das culturas erudita e popular podem entrar em processo mais ou menos intenso de permuta, empréstimo, cópia e imitação, que podem interagir-se, com maior ou menor intensidade, extensão e profundidade, dependendo essa situação, ou de fator eventual, precário, efêmero, unilateral e intencional, isto é, das vagas da moda, ou, então, das vicissitudes do convívio social, e esse é o fator que se conta entre os grupos representativos das duas culturas.^{xii}

A consequência desse processo compreende “uma progressiva imposição dos meios eruditos, civilizados e urbanizados aos meios populares e rústicos, de modo a modificar-lhes a vida sócio-cultural, substituindo os seus valores e comprometendo-os em novas perspectivas de sociabilidade e cultura”^{xiii}.

Assim, expresso nas entrelinhas do discurso, o ponto de vista das frases proferidas por Zezinho da Borborema, reflete uma postura moldada pela “simplicidade” e “modéstia”, a evidenciar (de modo

indireto, conforme já foi dito) a consciência da discriminação sofrida pelo coco.



As expressões em destaque reforçam, extensivamente, uma situação detectada ao longo de nossa pesquisa de campo sobre aquela manifestação cultural popular: os depoimentos de dançadores e cantadores revelando-se “magoados por presenciarem a perda de interesse” pela manifestação, que é muitas vezes depreciada, por quem não integra o conjunto dos amantes do coco, como atividade de “pretos, velhos e bêbados”^{xiv}.

Retomando aspectos do método de observação participante anteriormente destacado, vale ressaltar que sua utilização pela pesquisa de campo também envolve — como no caso da entrevista — dificuldades para que se torne uma prática eficaz na obtenção de informações corretas pelo pesquisador.

Não devem prevalecer, em sua aplicação, pontos de vista isolados do pesquisador que procuraria, segundo algumas recomendações teóricas, observar o seu grupo cultural da forma mais “distanciada” possível (a “interagir” minimamente “supondo-se que tal comportamento interferirá menos nas atividades do grupo e possibilitará uma observação natural dos eventos”^{xv}).

O caso da observação sem interação pode propiciar o risco de se ter, ao término de um determinado estudo, apenas conclusões individualizadas, construídas a partir de impressões, sem nenhum rigor científico.

O bom pesquisador procura obter uma “habilidade” que favoreça o seu aproveitamento em campo, seja entrevistando ou só observando.

No que se refere às características da oralidade e aos traços que a acompanham (pausas, expressões da voz, gestos...) torna-se imprescindível o aproveitamento de elementos das duas esferas de investigação.

Em muitos casos se faz necessária a presença do pesquisador em ambientes onde são observadas determinadas situações que dele exigem o grau de envolvimento já conseguido perante o entrevistado. Nesse sentido, devido à interação mediada na produção de determinada entrevista ou mesmo em situações de observação direta, torna-se difícil que outros pesquisadores alheios ao momento desta produção (só por eles conhecida através da audição ou transcrição de gravações) possam analisar compreensivamente o discurso.

Há muitos elementos (ambiente, relação pesquisador/pesquisado desenvolvida na ocasião, gestualidade, dados anexos), que se perdem se não forem registrados, observados e recuperados pelo pesquisador no momento da análise.

Para finalizar, vale ressaltar alguns aspectos do que entendemos por relato de visita. Este tipo de documento compreende uma forma de expressão da variação de contextos, ritmos, versos e de maneiras pessoais de apreensão dessa manifestação cultural popular, por parte de quem pesquisa. O conjunto de relatos individuais elaborados pelos pesquisadores

de campo permite uma complementação dos registros gravados, nem sempre suficientes para a compreensão da totalidade de determinada manifestação.

Pelo que foi aqui exposto, é possível constatar os variados problemas que surgem no trabalho de pesquisar em campo, restando como alternativa para o bom desempenho dessa tarefa a aquisição pelo pesquisador de várias habilidades, com a finalidade de superar as dificuldades que se apresentam a cada passo (principalmente, no caso do estudo dos cocos).

ⁱ XIDIEH, Oswaldo Elias. Cultura popular. In: XIDIEH, O. E. e outros. *Feira Nacional da Cultura Popular*, São Paulo: SESC, 1976, p. 1 – 6.

ⁱⁱ XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas piás populares*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1967, p. 129.

ⁱⁱⁱ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 254.

^{iv} ^{iv} CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo”. Trad. Alba Zaluar Guimarães. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). Sel., introd. e rev. técnica. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 92.

^v THOMPSON, Paul, op. cit., p. 278.

^{vi} GOODE, William Josiah e HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1975, p. 267.

^{vii} Cf. ACUÑA, Lila. Historias de vida: un metodo controvertido. *Revista de Trabajo Social*, Santiago: Escuela de Trabajo Social/Pontificia Universidad Catolica de Chile, n. 60, 1990.

^{viii} Para facilitar o acompanhamento do diálogo, serão utilizadas as iniciais G e Z, que correspondem a Gilberto e Zezinho. Em itálico, entre colchetes, aparecem os comentários para facilitar a leitura.

^{ix} THOMPSON, P., op. cit., p. 271.

^x Idem, *ibidem*, p. 258.

^{xi} Idem, *ibidem*.

^{xii} XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas piás populares*, op. cit., p. 85.

^{xiii} Idem, *ibidem*.

^{xiv} AYALA, Maria Ignez Novais. “O coco: uma dança afro-brasileira na Paraíba”, 1992 (mimeo.). São vários os depoimentos de cantadores e

dançadores de coco que assinalam outras formas de discriminação sofridas, bem como o desinteresse dos mais jovens pela dança.

^{xv} CICOUREL, Aaron, op. cit., p. 91.